



OS MONTES DO LUME

João Aveledo dá-nos conta do tradicional emprego do fogo nos nossos montes -cujas consequências pouco têm a ver com as das vagas de incêndios que com frequência assolam o país na atualidade-, e refere-nos proveitos tirados antigamente dos matagais.

CRIAÇOM

Hadrián Elices é um carvalhinês que passeou por meio mundo e tivo umha cheia de ofícios antes de voltar à terra e aos livros. Neste mês achega-nos umha história em que, como acontece com ele, nada é o que parece.

CINEMA

Xurxo González reflete sobre as ajudas públicas ao audiovisual galego, reforçadas polo bipartido na pessoa de Manolo González com a vontade de empregar o cinema como ferramenta a serviço do país, mas cujas medalhas passariam diretamente para a lapela do governo do PP.

A GALIZA NATURAL

Os montes do lume

João Aveledo

Mais um ano, chegado o bom tempo, os galegos queimaremos os montes. Vimo-lo fazendo desde o neolítico. Tradicionalmente, estas queimas periódicas eram de pouca extensão, procuravam roças ou pastos e, consideradas individualmente, não costumavam ter consequências demasiado graves, embora a sua repetição no tempo tenha originado importantes fenómenos erosivos.

O mato, que cobre amplas extensões serranas, arde com facilidade, recuperando-se também com rapidez surpreendente. Durante milhares de anos os lumes continuados selecionaram aquelas espécies com maior capacidade regenerativa. Tojos, carqueijas, giestas, codessos e urzes rebrotam às poucas semanas dos incêndios.

Destes matagais, tantas vezes, considerados de forma depreciativa e simplista como terrenos incultos e improdutivos, tiravam-se antigamente múltiplos proveitos. Pastagens para o gado e estrume para as cortes eram os principais benefícios que proporcionavam, mas não os únicos.

Os tojos pertencem à família das leguminosas, como carquei-

jas, giestas e codessos. Esta família distingue-se por estabelecer simbioses nas suas raízes com bactérias que fixam o nitrogénio da atmosfera e contribuem a fertilizar o solo. Com os tojos estravam-se as cortes e mesmo os currais. Era o esterco mais prezado. Os tojos empregavam-se também como combustível. A taxonomia dos tojos galegos é complexa e está ainda em discussão: o tojo-arnal (*Ulex europaeus*), de maior tamanho, teria duas subespécies *europaeus* e *lactibracteus*; o tojo-fêmea (*U.*

gallii) de tamanho mediano, também contaria com duas subespécies, *gallii* e *breoganii*; mais pequenos seriam o tojo-molar (*U. minor*), ausente nas regiões de clima mais frio, e o escasso tojo-gatunho (*U. micranthus*), um endemismo galego-português, que encontramos em lameiros termófilos como as Gândaras de Budinho. Havendo ainda quem eleve à categoria de espécies diferenciadas o tojo-do-litoral (*U. lactibracteus*) e o tojo-atlântico (*U. breoganii*).

Da carqueija (*Pterospartum tri-*

dentatum) faziam-se esfregões para a louça (daí o nome popular de lava-cuncas). Em 1749, Frei Martim Sarmiento glosava as propriedades curativas dos chás feitos com as flores desta leguminosa na sua *Disertacion sobre las virtudes maravillosas y uso de la planta llamada carqueixa, conocida en Galicia por este nombre, y en otras provincias del Reyno por una voz*



análoga á la misma pronunciación. A carqueija habita solos ácidos e muitas vezes esqueléticos da metade ocidental da Península Ibérica e o norte de Marrocos.

Das giestas (*Cytisus spp.*) e dos codessos (*Adenocarpus lainzii*) faziam-se vassoiras. Consideradas plantas apotropaicas (que afastam o maligno), com elas varre-se a casa o dia de São João. Por esta mesma razão no primeiro de maio os ramos floridos das giestas enfeitam janelas, portas ou carros. Na nossa terra as giestas estão repre-

sentadas pola giesta-comum (*Cytisus scoparius*), a giesta-branca (*C. multiflorus*), a giesta-amarela (*C. striatus*), a giesta-púdia (*C. ingramii*), a giesta-das-serras (*C. oromediterraneus*) e a giesta-de-Óes (*C. insularis*), um endemismo galego recentemente descrito para a Botânica, com uma área de distribuição restrita às ilhas de Óes e Vionta e às costas do Morraço.

O outro grande grupo de arbustos dos matagais contituem-no as urzes. Pertencentes à família das ericáceas, estas plantas recebem um grande número de nomes vernáculos: uzes, queirós, queirogas, carrascas, carrouchas, carpaças, torgas... Mais de quinhentos topónimos galegos es-

tão relacionados com alguma destas denominações populares. Os urzais forneciam lenha miúda para os fornos e das raízes grossas destes arbustos fazia-se carvão vegetal ou entalhavam-se diversos objetos, como gaitas de foles e cachimbos. Os méis monoflorais de urze, escuros e de sabor peculiar, são especialmente valorizados. Na Galiza encontramos: a urze-arborea (*Erica arborea*), a urze-vermelha (*E. australis*), a urze-das-vassoiras (*E. scoparia*), a urze-branca (*E. vagans*), a urze-roxa

(*E. cinerea*), a urze-peluda (*E. tetralix*), a urze-rosa (*E. umbellata*), a urze-do-Oeste (*E. erigena*), a urze-carapaça (*E. ciliaris*) e a urze-cantábrica (*E. mackaiana*), esta última própria da Irlanda e da metade ocidental da Cornija Cantábrica. Fazem parte também dos urzais outras ericáceas como a torga (*Calluna vulgaris*) e a daboécia (*Daboecia cantabrica*). As charneças húmidas atlânticas temperadas da urze-carapaça e da urze-peluda, muito presentes na Galiza setentrional, são consideradas um hábitat natural prioritário para a União Europeia.

No último meio século, o progressivo despovoamento, o abandono das culturas tradicionais em mosaico, substituídas por plantações florestais de eucaliptos e resinosas, e, em geral, as importantes transformações que sofreu a sociedade galega, especialmente o campo, multiplicaram o número de incêndios e a sua dimensão. Os fogos que têm mantido urzais e tojeiras num plagioclimax, onde o processo de sucessão ecológica se está a reiniciar continuamente; esses fogos que antes ficavam nas encostas das montanhas, chegam hoje às casas, enquanto fazemos elucubrações sobre supostas tramas incendiárias, nunca até agora descobertas, e a própria extinção dos incêndios converte-se num negócio que se retroalimenta perigosamente.



EM TEMPOS

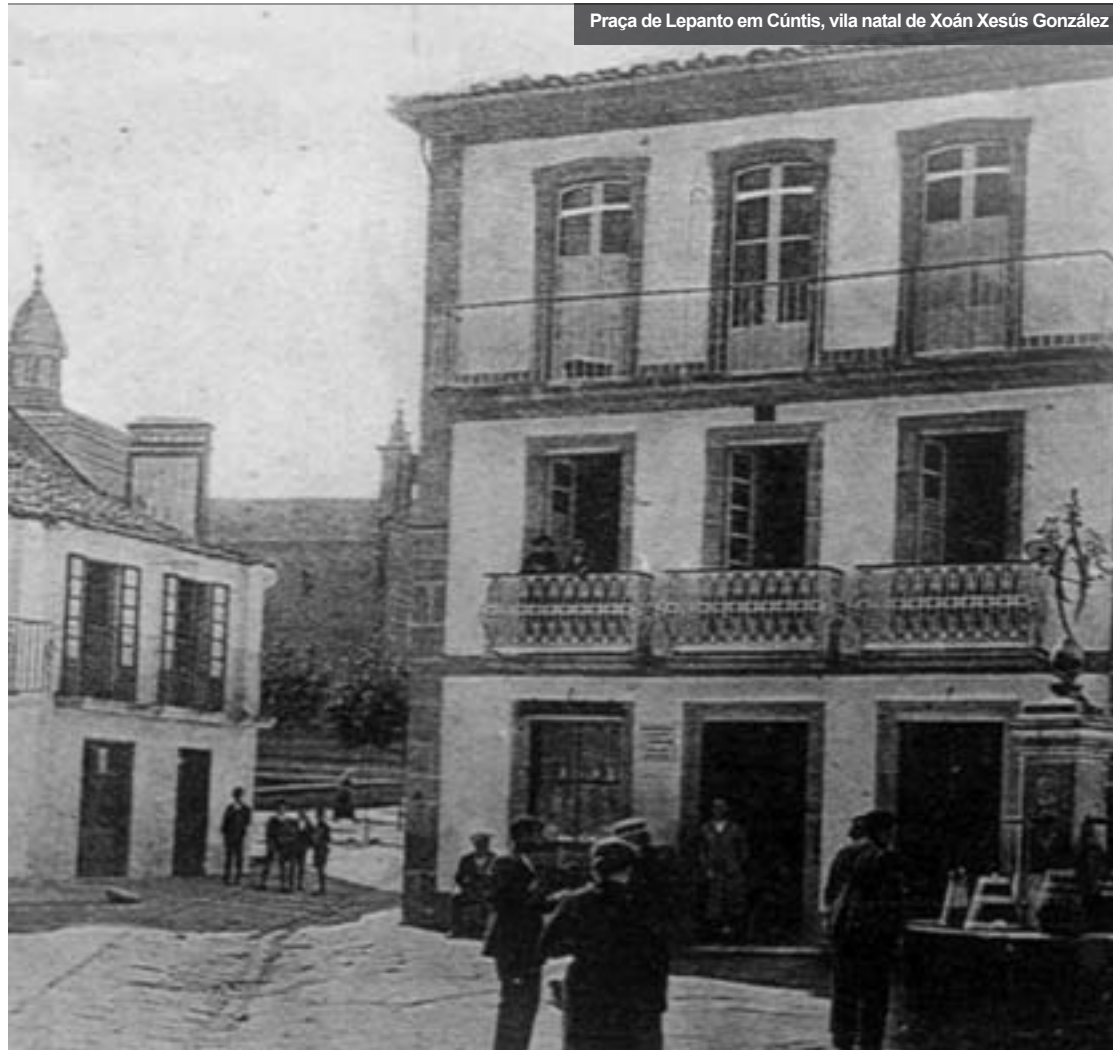
Xohán Xesús González: pioneiro da síntese

Rubén Melide

A(re) construímos da identidade histórica do nosso país e dos movimentos que lutáramos pola sua sobrevivência é a día de hoje unha tarefa inconclusa, para nom dizermos recém-começada. Já for desde o intuito de realizar investigacións guiadas polo rigor científico ou desde a necesidade de criar símbolos aos que nos agarrarmos como coletividade -os *tótemes* som precisos e útiles sempre que se empregarem de maneira saudábel-, o patrimonio referencial da Galiza que se sonha dona de si mesma é, aínda na actualidade, un bem escasso. Nom é por acaso que o velho arredismo só fosse punto de referéncia para o novo a partir dos derradeiros anos do século pasado, nem que a efémera primeira República Galega tenha sido recentísimamente resgatada do esquecemento polo incombustível Carlos C. Varela, membro da equipa de redaçom deste jornal e actualmente refém do Reino de Espanha no longínquo cárcere de Topas.

Umha das vítimas mais senleiras desta amnésia historiográfica foi o cuntesino Xohán Xesús González. Pioneiro na síntese entre emancipaçom nacional e libertaçom social, González nasceu na aldeia de Sevil, freguesia de Cequeril, em nove de novembro de 1895. Já na sua primeira adolescência, introduziu-se no ofício da cantaria, que posteriormente iria exercer na capital do país. No ano de 1914, Xohán Xesús terá um papel protagonista numha greve da construçom em Compostela, cuja duraçom será de dez días. Enquanto trabalha e exerce a atividade sindical, estuda Magistério.

No ano 1921, González começa a sua atividade jornalística na imprensa local compostelana, num jornal chamado precisamente *El Compostelano*, em cuja redaçom trabalha até 1935. Aliás, irá ser correspondente na capital do importante jornal galeguista *El Pueblo Gallego*, assim como colaborador do agrarista *La Zarpa*. Simultaneamente ao seu trabalho nos meios de comunicaçom, começa estudos de direito na Universidade, colaborando com umha Federaçom Universitária Escolar em que pesava determinante a componente nacionalis-



Praça de Lepanto em Cuntis, vila natal de Xoán Xesús González

ta. Da mesma maneira, fijo parte do grupo de teatro universitário, travando amizade com o dramaturgo eu-naviego Cotarelo Valedor, quem na altura era o vice-reitor da Universidade.

Nom pode passar despercebida a atividade agrarista do nosso protagonista. No seu texto *Em pé, campesinhos!* arremete contra os concelhos e mesmo deixa entrever um incipiente arredismo e um ímpeto revolucionário ao proclamar: “Viva Galiza ceive! Há que conseguir a liberdade da Galiza, aínda que seja botando mao das jeiras ferintes da revoluçom!”.

Na altura, a relaçom entre as reivindicaçoms sociais e as dos direitos nacionais som, aqui como noutras partes, complicadas. A escassa industrializaçom do país, e a subseqüente fraqueza do proletariado no seio do quadro das classes sociais que compunham o povo galego, dificultam a implantaçom de correntes explicitamente de esquerda, cujos dirigentes, aliás, era um tanto reativa ao facto diferencial galego, aínda que existiam exceçoms, como a do militante socialista e membro das Ir-

Umha das vítimas mais senleiras da amnésia historiográfica que padece o movimento galego foi Xohán Xesús González, canteiro, agrarista e pioneiro na síntese entre luitas emancipatórias

mandades da Fala Xaime Quintanilla. Possivelmente por influéncia deste último, González irá filiar-se a um PSOE que naquele momento mostrava pouca preocupaçom polos problemas coletivos da Galiza em tanto que país. É este último facto, materializado na oposiçom do partido ao Estatuto de Autonomia, o que leva González, junto com outros, a criar em 1932 o Seminário de Estudos Socialistas, do qual surgirá a Uniom Socialista Galega, organizaçom que desenvolverá umha intensa atividade em favor do Estatuto, sendo salientável a sua presença nas redondezas da capital -nomeadamente no Vale da Amaía- e na ter-

ra natal do nosso protagonista.

Em 1933 vem a lume a obra de González *Regionalismo, nacionalismo, separatismo*, editada pola imprensa Nós em Compostela. No livro, o de Cuntis afirma “*proclamada a República, como se continua a odiar o ressurgir dos povos ibéricos, propugno francamente um nacionalismo tenso, vivo, acusando umha posiçom de extrema-esquerda face ao reacionarismo galego, que é francamente monárquico e, portanto, centralista igual que os socialistas e outros partidos que propugnam umha Espanha unitária, no momento em que a Espanha unitária fracassou em toda linha. Som socialista e nacionalista galego, por representar precisamente o nacionalismo galego um movimento de esquerdas (...). Som nacionalista galego e, apesar disso, nom som reacionário, porque a reaçom galega, como a de toda Espanha, é espanholista, e quer a sobrevivéncia do Estado central por cima de todo e apesar de todo. Digo isto para o saberem quem afirmam gratuitamente que os movimentos nacionalistas peninsulares implicam*

No dia do golpe, o cuntesino encontra-se em Compostela, e une-se ao Terço de Calo para frustrar a viagem dum trem inimigo, o que lhe valeu a reclusom e a morte

movimentos fascizantes. Eu oponho-me a essa afirmaçom, e exijo que me seja provado quantos nacionalistas galegos som de tipo reacionário e fascista”.

Se tivermos que escolher umha data fatídica na história recente do nosso país, essa seria com certeza o 18 de julho de 1936. Os numerosos e importantes avanços em todos os campos da nossa vida comunitária vírom-se truncados subitamente polo golpe militar naquela jornada de verao, com a Frente Popular no governo e o Estatuto de Autonomia recém-referendado em plebiscito pola imensa maioria da populaçom. No dia em causa, o nosso cuntesino encontra-se em Compostela, e apanha aginha um autocarro para a freguesia de Calo, onde se soma ao mítico Terço de Calo, formado por pessoal das classes populares da zona. Xohán Xesús e os seus companheiros desfilarám polas ruas compostelanas com umha bandeira vermelha, apreendendo armamento e apoderando-se de prédios estratégicos da cidade. Posteriormente, tentarám abortar a viagem dum trem procedente de Vigo e carregado com armamento e muniçom para os sublevados. A operaçom saldouse com umha derrota, facto que ocasionou a fugida de González para o monte, apesar de ter a possibilidade de sair para Portugal. Na sua vila natal, Xohán Xesús figura desde o primeiro momento nas listagens de proscritos elaboradas polos insurrectos, circulando o boato de que está a viajar pola zona num autocarro recolhendo efetivos para a defesa de Ponte Vedra, extremo desmentido polo seu biógrafo Marcos Seixo. Finalmente, o de Sevil será detido na Estrada num dia de feira, deslocado para a prisom de Compostela, submetido a juízo por rebeliõ militar e fuzilado em Boisca em 12 de setembro de 1936.



A FOTO

Miguel Auria

"Minha bisavoa casou de negro. Minha avoa também. E sem fotos. E sem flores.

Aos treze acabou-se-lhe o tempo de bonecas. Os jogos só ocorrem através da janela da cozinha.

Minha avoa de 8 anos come anacos de pam escondida. Que nom a vejam os esfamiados. Recordos da guerra.

Agora só restam retratos de boda feitos com fotos de DNI. Olhando desafiantes à cámara. A fame. A miséria.



CRIAÇOM

No pólo oposto das construçõs faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número fornecemos um texto literário para go-

zarmos das nossas letras, num projeto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Hadrián Elices nasceu no Carvalhinho em 1934, e em seguida tivo que marchar. Em meio mundo foi marreiro, labrego, camionista, cozinheiro, taxista e mesmo vendeu livros porta a porta, e o único que nom fixo foi o que mais queria fazer: escrever. De volta à terra retomou o velho ofício, polo que lhe estamos mui agradecidos. Neste mês achega-nos umha história escrita nos seus inícios mas nunca antes publicada. Olho com o que se agocha na escuridade.



Conselho para pais principiantes por Hadrián Elices

Aos nenos pequenos dá-lhes medo quase qualquer cousa. Se um neno é traste e sempre anda enredando depois da escola, é recomendável recorrer à lenda do Chupa-sangue.

O Chupa-sangue é parente direto do Homem do Saco, agocha-se à beira dos caminhos frequentados por nenos, em lugares escuros e afastados de miradas indiscretas. Captura as suas presas quando se acham indefensas e sós, normalmente à volta da escola durante o inverno, porque já é noite e há menos gente na rua. Mata os nenos e chupa-lhes o sangue todo.

Se você está interessado em saber mais sobre isto, acompanhe um dia o seu filho à volta da escola e atravesse a vila polo parque em lugar de ir polo caminho mais curto. Entretenha-se jogando com ele, persigam-se, montem nos bambáns e nom retomem o caminho até o sol-pôr. Entom desviem-se da avenida principal e achegue você o neno à beira menos iluminada do caminho, onde medram as sebes mais altas.

Diga-lhe que aguarde ali, que vai buscar o carro.



Os nomes das mulheres

Isabel Rei Samaritim

Abri a revista pela página marcada. Publicada em 1987, bom papel, tábula gratulatória, língua portuguesa. Era uma revista maciça, compacta, perigosa como arma de arremesso. Abri e comecei a que parecia ingrata tarefa: procurar nomes de mulheres. Foram aparecendo Rosa Valente, Adela Figueroa, M^a Carmo Henriquez, Iolanda Aldrei, Belém Vieites, Elvira Souto, M^a Dores Arribe, Maria José Pinheiro, Manuela R. Cascudo, Júlia Bastos de Oliveira, Adriana Castillo, Luiza Cortesão, Cristina de Mello, Ana M^a Fontenla, Maria Luísa Garcia, Aracéli Herrero, Aurora Marco, Fátima Rezende...

Pois não eram poucas mulheres na defesa da língua do lado reinte-gracionista nos 80, matinei. A revista é que era demasiado volumosa. Claro, uma homenagem a Carvalho. Na capa três lápis de grafite adornados no estilo Nós, um algo menos refinado, por colunas de nenãs e ne-

nos sustentando o peso uns dos outros, subindo no espaço apoiadas de maneiras impossíveis como alegoria da passagem e relevo das gerações.

Depois fui à asséptica aranha onde flutuam os dados sem sabores tipográficos nem cores de papel, mas expostos harmónica e ordenadamente. E nos índices doutra famosa revista galega procurei de novo nomes de mulheres. Entre 1985 e 2000 apareceram Fátima Mendoca, Pilar Palharês, Sílvia Capom, M^a Carmo Cozinha, Victoria Diehl, Luzia Dominguez, Eva Espinheira, M^a Jesús Facal, Raquel Bello, M^a Cristina Fernandez, Helena Fidalgo, Marta Garcia, Henriqueta M^a Gonçalves, Carme F. Perez-San Julián, Pilar Garcia, Lúdia Gutiérrez, Teresa Iglesias, Maria Paula Lago, Susana Losada, Isabel Magalhães, M^a Amparo Tavares, Kathleen March, M. Theresa Abelha, Noelia Meizoso, Lénia Mongelli, M. Assunção Monteiro, Dalma Nascimento, Iolanda Outeiro, Felisa Rodriguez, Helena Sanchez, Celina Silva, Glória Soneira, Neves Brisa-

boa, Rosa Taboada, Cristina M^a Borges, Dores Valcárcel, Luísa Vilalta, M^a Carmen Villarino, M^a Teresa Echenique, Victoria Atencia...

Estava a ficar sem alento. Numa vista de olhos levava mais de cinquenta nomes na maior parte desconhecidos para mim. Fora de toda dúvida, tinha havido muitas mulheres na defesa da língua no último terço do século XX. Então fiz memória e, continuando aquela listagem, comecei a escrever os nomes das mulheres que conheci por ter coincido ou trabalhado com elas nos últimos tempos, ou por ter lido os seus trabalhos recentemente. E anotei Concha Rousia, Irene Veiga, Iolanda Mato, Luzia Cao, Paloma Fernandez, Rosário Mascato, Ugia Pedreira, Noemi Vazquez, Lola Canosa, Belém Fontal, Jeanne Pereira, Mar Lopes Gonçalves, Antia Cortiças, Belém de Andrade, Ro Palomera, Mulheres Nacionalistas Galegas, Jéssica Beiroa, Laura Bugalho, Cristalina Rodriguez, Antia Balseiro, Conas Ceives, Raquel Miragaia, Lucia Helena Sá, Maria D. Pinhei-

ro, Comba Campoy, Rosa Martins, Mariola, Patricia, Alicia, Montse...

Há um ano a Teresa Moure passou voando por cima de todos os preceitos editoriais e no passado mês de maio apresentou em Lisboa dois livros, sendo que escreveu três desde que atravessou a encruzilhada. Mesmo mês de maio em que a Maria Castelo apresentava em Compostela a beleza dos seus poemas com uma pequena mas elegante editora. E a Maria Dovigo organizava no Centro Nacional de Cultura lisboense uma homenagem a Rosalia, proclamando o Dia das Irmandades da Fala com poetisas vindas de todas as partes da Lusofonia.

Então, por que motivo as reinte-gracionistas temos essa incómoda sensação de estar sozinhas, de sermos poucas, de não termos voz nos coletivos? Por que quando Susana S. Arins põe sobre a mesa a necessidade de despirolizar esta ou aquela associação assentimos com um sorriso cúmplice, como a dizer “é bem certo”? Por que se fundam mais entidades com um mínimo de membros femininos e sem voz social? Onde é que estamos que não nos vemos? Onde nos temos protegido,

aonde temos fugido? Que nos fizeram? Quando nos apagaram? Como nos feriram e nos esqueceram?

Adivinho mil-e-uma-noites de silêncios por trás de muitos desses nomes. Silêncios irados e calmos, raivosos e apagados, curtos e longos, definitivos, distraídos, indiferentes. Silêncios forçados, contestatórios, submissos, ferozes e mansos, de coração quebrado, de punho fechado, de mão ausente. Silêncios de engano, de desconfiança, de desagrado, de porta-muro. Orgulhosos, respeitosos, formosos, atentos, compreensivos, dignos. Impercetíveis e estrondosos, motivados e desmotivados, aliviados e torturados. Silêncios silenciosos e silêncios gritantes como ferida que se abre.

Lamento que a minha ignorância e o vosso silêncio nos afastem. Lamento não poder nomear-vos a todas. Lamento não conhecer-vos, não termos falado sobre o que pensais e fazeis, como organizastes a vossa vida, as causas de entrardes no silêncio. Dai-vos por invocadas na mesma. É preciso sair, cumpre aparecer. Nunca fomos prescindíveis. Sempre fomos necessárias. Somos necessárias.

CINEMA

As ajudas de talento

Xurxo González

Com a “popularização” da etiqueta do Novo Cinema Galego, quase todo o mundo remete-se para as tam publicitadas “ajudas de talento”. Umhas linhas de ajudas donde partírom os filmes e os cineastas de maior importância que abalárom a história recente do cinema galego, mas poucas pessoas sabem da sua origem, quem fôrom os seus artífices, como evoluírom e em que estado se encontram na atualidade.

Para fixar o começo, devemos remontar à chegada do governo do bipartido, lá polo ano de 2005. Apesar da divisom de competências no âmbito da produçom, e da maõ da Agência Audiovisual Galega, quebra-se a inércia da defesa do “modelo galego” de coproduçom da época Fraga: abrindo mais linhas de ajudas, subindo quantias, mostrando claridade do processo e agasalhando tudo com projetos complementares. O artífice foi Manolo González, que pre-

tendeu fazer uma estaca dentro da árvore monolítica e anacrónica do setor audiovisual galego. Para isso, projetou umhas ajudas às quais pudessem aceder pessoas físicas sem necessidade de estar apoiadas por umha produtora. E dentro do texto da convocatória havia três paradigmas estéticos polos quais se guiar: códigos narrativos, umha filmagem criativa e umha olhada potenciada do realizador. Todo isso foi um duro golpe à conceçom tradicional do cinema na Galiza, mas ainda restava muito por percorrer...

De um princípio, mostrou-se esta intençom em favor da abertura fazendo sublinhas de apoio às mulheres, aos menores de 18 anos e à produçom que tratassem o tema da memória. Esses desejos corretores chocárom frontalmente com as inércias conservadoras da administração que nom estava preparada para que “quebrassem o guiom”. Nas convocatórias de 2006, 2007 e 2008, houve umha luta sem quartel para tentar quadrar este novo espírito. Durante esse pe-

ríodo, os criadores ainda tinham de justificar as ajudas com faturas como se fossem umha empresa. Isto carrou muito desgosto e choros. A Lei de Subsídios da Galiza nom estava preparada para esta variável. Foi entom, como em 2009, considerou-se a mudança da procedência da verba económica destas ajudas, isto é, que passasse do capítulo 7 destinado a subsídios para o capítulo 4 donde procediam as despesas gerais. Isto é, que reduzindo as despesas em folhas e em cliques, foi possível implementar umha linha de ajuda chamada a cobrir de glória a cultura galega contemporânea.

Mas estes êxitos já nom os colheria o bipartido. As medalhas passavam diretamente para a lapela do governo do PP. *Todos vós sodes capitáns*, de Oliver Laxe, chega a Cannes em 2010 e, depois, umha cheia de filmes galegos realizárom longos percursos por distintos festivais internacionais. Um presente inesperado que nom souberom dirigir. Desde o ano de 2010, as ajudas de talento esmorecem progressivamente. As quantias destinadas descem de jeito

alarmante passando de 400 mil euros em 2009 para 65 mil em 2013. Os cortes em cultura espalhárom o terror mas as tesouras assanhárom-se em excesso com as ajudas de talento chegando mesmo a desaparecer em 2012.

Nesse ano, organiza-se um coletivo em defesa das ajudas de talento para evitar a sua desaparición. Umha açom que coincide coma a realizada em 2011, em que foi efetuada umha recolha de assinaturas para conter o efeito destrutivo do governo do PP. Com estas duas jogadas, tentou-se dar a conhecer os benefícios deste tipo de ajudas. O coletivo enviou umha série de requerimentos para que a administração os tivesse em conta para melhorar a convocatória e o seu encaixe no setor. A defesa de 2012 fracassou com a promessa de que no ano seguinte sairiam, como assim foi, numha convocatória testemunhal destinada a curtas-metragens.

As ajudas de talento fôrom o fruto mais destacado dumha política audiovisual para empregar a imagem em movimento como ferramenta que fornece coesom ao território e à identidade dum país. Es-

tes contributos económicos fôrom umha excelente política de I&D&I para o setor cinematográfico, já que, graças a elas, retornárom muitos dos realizadores que estudavam fora da Galiza. Estas ajudas criárom um abondoso magma criativo que impulsionava a produçom fora das mesmas. Este apoio institucional favoreceu que muitos cineastas e filmes tivessem umha relevância internacional. Mas os nomes conhecidos simplesmente eram a ponta do iceberg, outros filmes e realizadores nom tivêrom esse ecoar internacional mas também fôrom partícipes desta eferescência criativa.

Apesar de tudo, o que mais estranha é como, embora seja umha fórmula testada com um sucesso inquestionável, a administração donde saiu nom a apoia nem a defende ou como outras instituições de maior importância nom a copiam e a aplicam nos seus territórios. É mui complicado encontrar políticas audiovisuais efetivas mas as ajudas de talento implementadas pola Junta da Galiza som a constataçom de que podem ser umha ferramenta excelente para atalhar o futuro da disciplina.